

Adaptação da tarefa Stroop Emocional para detecção de patologia do comportamento alimentar. Diferenças entre sexos

Graça Esgalhado*

Manuel J. Loureiro*

António S. Cabaco**

Resumo: No âmbito de trabalhos integrados no projecto de investigação financiado pelo programa de Acções Integradas Luso-Espanholas (Loureiro e Cabaco, (Dirs.), no prelo) foram seleccionados os estímulos com valor semântico a utilizar no Stroop Emocional, com vista à construção de um instrumento para detecção de patologias do comportamento alimentar.

No seguimento desta linha de investigação, apresentamos e comparamos as diferenças verificadas nos resultados obtidos no Teste PSITCA – *Protocolo de Screening para Identificar Transtornos do Comportamento Alimentar*, numa amostra de 376 sujeitos portugueses (14-25 anos) do sexo feminino e masculino.

Palavras chave: Tarefa Stroop, patologias do comportamento alimentar.

Abstract: Integrated in the works carried under the auspices of the research project financed by the Portuguese-Spanish Program (Loureiro e Cabaco, (Dirs.) in press), were selected the stimulus of semantic value to use in the Stroop Emotional Test, aiming to construct an instrument in detection of eating disorders.

Following that line of research, we present and compared the resulting differences obtained from PSITCA Test – Screening Protocol on Eating Disorders, in a 376 portuguese subject sample (14-25 age group) of both sexes.

Desde 1935, com a publicação do artigo de J. R. Stroop sobre o processo de interferência no processamento da informação, que o interesse por este fenómeno tem vindo a crescer (Loureiro, Cabaco, Castro & Esgalhado, 2002; Esgalhado, 2002; Maia, Loureiro & Cabaco, 2002). Constitui uma das tarefas mais utilizadas, tanto ao nível da investigação básica como no domínio da investigação experimental em psicologia (Arana, Cabaco & Sanfeliu, 1977). Nesta tarefa é posta em evidência a capacidade

do sujeito para classificar a informação que o rodeia e responder de modo selectivo a essa mesma informação. Por este motivo, é uma das tarefas mais utilizadas na psicologia cognitiva, quando, por exemplo, se procura estudar a atenção selectiva (Loureiro e cols., 2002). Sendo este processo cognitivo básico controlado pelo interesse nos estímulos presentes, podemos prestar mais atenção a determinados estímulos, ignorando outros. No entanto, como também se encontra em jogo a capacidade para a selecção dos estímulos

* Universidade da Beira Interior.

** Universidade Pontificia de Salamanca.

relevantes para a tarefa e a inibição do processamento dos que são irrelevantes, podem, em determinados ocasiões, surgir interferências (Melara & Mounts, 1993). Como referido em trabalhos anteriores (Loureiro e cols., 2002; Maia e cols., 2002), numerosas investigações põem em evidência as potencialidades deste paradigma que é aplicado a perturbações da ansiedade generalizada, do pânico, fobias simples ou fobias sociais, neuroses obsessivo-compulsivas, depressão, perturbações alimentares, abuso do álcool, *stress* ocupacional, etc. (Kessler, McGanagle, Zhao, Nelson, Hughes, Eshleman, Wittchen & Kendler, 1994). De acordo com MacLeod (1991), entre 1935 e 1989 foram realizados e editados cerca de 700 estudos sobre o efeito Stroop. Destes, 400 utilizam este efeito na investigação da selectividade atencional no processamento da informação. Também segundo Arana e cols. (1997), entre 1990-1995 são publicados 472 trabalhos que abordam a problemática em análise. Esta revisão põe em evidência a utilização da tarefa Stroop no estudo do modo como é processada selectivamente a informação em pessoas com distúrbios de *stress* pós-traumático, de pânico, depressivos, de ansiedade e vítimas de violação, e ainda a aplicação de variantes da mesma tarefa na análise do processamento da informação em sujeitos com perturbações alimentares. Este conjunto de dados evidencia a importância e actualidade do fenómeno, a sua aplicabilidade em diferentes âmbitos – quer no básico, quer no aplicado – e para diferentes fins (Arana e cols., 1997). Muitas destas investigações utilizam o efeito Stroop emocional, o que demonstra as potencialidades do mesmo como prova de *screening* (Loureiro et cols., 2002; Ben-Tovim & Walker, 1991; Rogers & Green, 1993; Mogg, Kentish & Bradley, 1993;

Vitousek & Hollon, 1990; Cooper & Fairburn, 1987; Armas, 1997). Na verdade, apresentando como características uma grande versatilidade, simplicidade e rapidez de aplicação, a prova que avalia este efeito, mostra ser, também no campo das desordens do comportamento alimentar, uma medida discriminativa de manifestações clínicas como a anorexia e a bulimia (Cooper, Anastasiades & Fairburn, 1992; Channon, Hemsley & De Silva, 1988, Loureiro e cols., 2002). O seu valor reside não apenas na possibilidade de permitir discriminar diferentes patologias, como também no viabilizar da quantificação das referidas patologias (Ben-Tovim & Walker, 1991; Cooper & Fairburn, 1992; Cabaco & Armas, 2000).

Objectivo

No âmbito dos trabalhos realizados ao longo da primeira fase do projecto de investigação, financiado pelo programa Acções Integradas Luso-Espanholas, dirigido pelos Professores M. J. Loureiro e A. S. Cabaco, respectivamente das Universidades da Beira Interior e Pontifícia de Salamanca, procedeu-se à selecção dos estímulos com valor semântico a utilizar no Stroop Emocional, para detecção de patologia do comportamento alimentar (Loureiro e cols., 2002; Maia, e cols., 2002).

Deste modo, na continuidade desta investigação sobre as perturbações do comportamento alimentar, numa perspectiva cognitiva, é nosso objectivo apresentar as diferenças nos resultados obtidos nos dois sexos, no primeiro estudo numa amostra portuguesa com o PSITCA – *Protocolo de Screening para Identificar Transtornos do Comportamento Alimentar* (Cabaco e cols., 2002; Maia e cols., 2002).

Método

Amostra

A amostra é constituída por 376 sujeitos portugueses, dos 14 aos 25 anos de idade, e foi obtida em instituições de ensino do Concelho da Covilhã e Belmonte. Na distribuição dos sexos verifica-se maior representatividade de sujeitos do sexo feminino ($n=253$), relativamente ao sexo masculino ($n=123$), o que corresponde respectivamente a 67,3% e 32,7% da amostra.

A amostra utilizada na presente investigação avalia os três conjuntos de palavras estímulo – neutras, emocionais e activadoras de emoções ligadas a perturbações alimentares — numa escala tipo *Likert*, cujos valores oscilavam entre 0 (nada) e 5 (totalmente) relativamente à “Frequência de uso”, (se as palavras são muito ou pouco empregues no quotidiano) à “Familiaridade” (se são mais ou menos familiares), ao “Grau de compreensão” (se o seu significado é dominado) e à “Facilidade de evocação da imagem” (se é fácil ou difícil a visualização mental da imagem correspondente à palavra).

A selecção deste conjunto de palavras, e dos respectivos “índices subjectivos” foi elaborada nas duas fases do presente estudo - Estudo 1 e Estudo 2 - (Cf. Loureiro e cols., 2002; Maia e cols., 2002).

Procedimento

Tal como descrito em trabalhos anteriores (Cf. Loureiro e cols., 2002; Maia e cols., 2002), foi com base na prova original em língua espanhola (com estudos em Espanha, na Argentina e no Chile), portuguesa (Brasil) e inglesa (EEUU) que foram seleccionados as palavras estímulo, tendo em atenção: (i) as especificidades do conteúdo semântico do léxico considerado; (ii) a eventualidade do duplo significado; (iii) e a representatividade de

emprego na fase etária com maior risco de vir a sofrer deste tipo de transtornos.

Resultados

Os resultados referem-se à “Frequência de uso”, à “Familiaridade”, ao grau de “Compreensão” e de capacidade de evocação de “Imagens” das palavras neutras, activadoras de conteúdo emocional e de conteúdo alimentar, tanto para o sexo masculino como para o sexo feminino. Na sua apresentação consideramos os seguintes parâmetros: média, desvio padrão e o n de cada sexo, para cada categoria. Começamos por analisar as palavras neutras relativamente à “Frequência de uso” (Cf. Quadro 1). Verificamos que a palavra mais utilizada por ambos os sexos é a palavra *casa*. A frequência de uso desta palavra é muito elevada, uma vez que a média obtida no sexo feminino (4,53) e no sexo masculino (4,29) é claramente superior à média esperada (2,50). Neste índice, e no sexo feminino, as palavras neutras são de utilização frequente, com excepção de *pedra* (2,13) e *bandeira* (1,99).

No que se refere ao sexo masculino vemos também que as palavras neutras são frequentemente usadas, dado que os valores médios obtidos também se situam acima da média esperada, excepto para as palavras *pedra* (2,45), *gato* (2,38) e *cortina* (2,23). Ao compararmos a frequência de uso das diferentes palavras pelos dois sexos, notamos que são mais utilizadas pelos sujeitos do sexo feminino do que pelos do sexo masculino, excepto *calor* (Fem.=3,74 e Masc.=3,78), *pedra* (Fem.=2,13 e Masc.=2,45) e *bandeira* (Fem.=1,99 e Masc.=2,55).

Na análise da “Familiaridade” das palavras neutras (Cf. Quadro 1), observamos, em primeiro lugar, que todas as palavras são mais familiares para o sexo feminino do

que para o masculino, dado que o valor da média das primeiras é superior à das segundas, com excepção da palavra *bandeira* (Fem.=2,79 e Masc.=3,16). Em segundo lugar, vemos que para os sujeitos do sexo feminino todas as palavras são muito familiares, pois a média obtida ultrapassa claramente a média esperada (2,50). Quanto aos elementos do sexo masculino notamos que todas as palavras também lhes são muito familiares. O item *pedra* é o menos familiar (2,48), embora com um resultado muito próximo da média. Encontramos o item *casa* como o mais familiar para ambos os sexos (Fem.=4,53 e Masc.=4,29).

No que se refere à “Compreensão” do significado das palavras neutras (Cf. Quadro 1), o sexo feminino manifesta uma compreensão superior das palavras relativamente ao sexo masculino, com excepção das seguintes: *bandeira* (Fem.=3,60 e Masc.=3,89), *pedra* (Fem.=3,04 e Masc.=3,12) e *sofá* (Fem.=4,25 e Masc.=4,28). Neste índice, a palavra *casa* (Fem.=4,64 e Masc.=4,55) é aquela em que ambos os sexos evidenciam maior compreensão. Todas as variáveis apresentam valores superiores à média esperada, pelo que o nível de compreensão é elevado.

Quanto ao último índice de avaliação, a “Imagem” evocada, verificamos, nas palavras neutras, valores médios superiores no sexo feminino em todas as palavras (Cf. Quadro 1), com excepção de *bandeira* (Fem.=3,78 e Masc.=3,84) e *calor* (Fem.=3,66 e Masc.=3,67). A palavra *casa* é a de “Imagem” mais facilmente evocada, quer para os rapazes, quer para as raparigas (Fem.=4,64 e Masc.=4,55). As palavras com menor evocação de “Imagem” são *pedra* (3,19), *calor* (3,66) e *cortina* (3,67), para o sexo feminino, e *pedra* (3,15), *cortina* (3,31) e *tapete* (3,94), para o sexo

masculino. No entanto, para ambos os sexos, há uma clara visualização das imagens de todas as palavras da lâmina neutra, pois os resultados são claramente superiores à média esperada.

Relativamente ao conjunto de palavras de conteúdo emocional, no que se refere à sua “Frequência de uso” (Cf. Quadro 2), observamos que as médias das diferentes palavras que se seguem encontram-se abaixo da média esperada (2,50): *desastre* (Fem.=2,04 e Masc.= 1,90), *terror* (Fem.=2,00 e Masc.=1,80), *vítima* (Fem.=1,94 e Masc.=1,73), *acidente* (Fem.=1,86 e Masc.=1,79), *ameaça* (Fem.=1,60 e Masc.=1,86) e *suicídio* (Fem.=0,98 e Masc.=0,76).

São empregues mais frequentemente pelo sexo feminino as palavras *triste* (3,11) e *medo* (2,87), enquanto *perigo* (2,58) é a mais usada pelo sexo masculino.

No que diz respeito ao grau de “Familiaridade” das palavras activadoras de conteúdo emocional (Cf. Quadro 2) verificamos que são pouco familiares para ambos os sexos as palavras *desastre* (Fem.=2,23 e Masc.=2,03), *terror* (Fem.=2,17 e Masc.=2,02), *vítima* (Fem.=2,17 e Masc.=1,99), *acidente* (Fem.=2,07 e Masc.=2,07), *ameaça* (Fem.=1,85 e Masc.=1,98) e *suicídio* (Fem.=1,44 e Masc.=1,20). Para a nossa amostra, constituída por ‘sujeitos normais’, estas palavras não são muito usadas, nem muito familiares.

Para o sexo feminino, são mais familiares, as palavras *triste* (3,19), *medo* (2,85), *perigo* (2,57) e *fracasso* (2,56). Para o sexo masculino, as palavras mais familiares abarcam os itens *medo* (2,31), *perigo* (2,59) e *triste* (2,59). Embora com valores diferentes, existe coincidência, entre os dois sexos, na atribuição de maior familiaridade aos itens *perigo*, *medo* e *triste*. Comparando ainda os resultados entre os

Quadro 1: Palavras neutras no sexo feminino e masculino

	Sexo	Frequência de uso			Familiaridade			Compreensão			Imagem		
		N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.
Casa	F	253	4,53	0,75	253	4,78	0,60	253	4,64	0,70	253	4,67	0,70
	M	123	4,29	0,85	123	4,66	0,71	123	4,55	0,73	123	4,44	0,80
Sofá	F	253	4,03	1,10	253	4,28	1,05	253	4,25	1,17	253	4,48	0,94
	M	123	3,98	1,25	123	4,18	1,27	123	4,28	1,11	123	4,18	1,27
Calor	F	253	3,74	0,99	253	3,93	1,14	253	4,02	1,21	253	3,66	1,48
	M	123	3,78	1,03	123	3,76	1,26	123	3,97	1,29	123	3,67	1,52
Armário	F	253	4,04	1,14	253	4,17	1,18	253	4,15	1,21	253	4,15	1,29
	M	123	3,54	1,40	123	3,89	1,30	123	3,78	1,44	123	3,94	1,29
Jardim	F	253	3,26	1,49	253	3,66	1,46	253	4,01	1,33	253	4,19	1,38
	M	123	2,93	1,54	123	3,28	1,59	123	3,72	1,51	123	4,02	1,34
Gato	F	253	2,83	1,96	253	3,28	1,93	253	3,74	1,70	253	3,89	1,69
	M	123	2,38	1,97	123	2,95	1,93	123	3,41	1,79	123	3,61	1,80
Tapete	F	253	3,53	1,50	253	3,64	1,54	253	3,79	1,56	253	3,94	1,47
	M	123	3,11	1,59	123	3,26	1,63	123	3,41	1,67	123	3,38	1,67
Bandeira	F	253	1,99	1,71	253	2,79	1,93	253	3,60	1,73	253	3,78	1,61
	M	123	2,55	1,77	123	3,16	1,86	123	3,89	1,57	123	3,84	1,62
Cortina	F	253	2,91	1,60	253	3,31	1,69	253	3,54	1,65	253	3,67	1,59
	M	123	2,23	1,83	123	2,76	1,64	123	3,19	1,73	123	3,31	1,72
Pedra	F	253	2,13	1,81	253	2,53	1,95	253	3,04	1,90	253	3,19	1,83
	M	123	2,45	1,83	123	2,48	2,03	123	3,12	1,94	123	3,15	1,98

dois sexos, vemos que no feminino há um maior grau de familiaridade para todas as palavras, com excepção de *ameaça* (Fem.=1,85 e Masc.=1,98), mais familiar para o sexo masculino, e um igual nível de familiaridade para *acidente* (Fem.=2,07 e Masc.=2,07). Neste índice subjectivo, o termo *triste* (Fem.=3,19 e Masc.=2,59) é o mais familiar para todos os sujeitos, independentemente do sexo.

No Quadro 2, observamos um grau elevado de “Compreensão” das palavras activadoras de conteúdo emocional, quer por parte dos sujeitos do sexo feminino, quer por parte dos do sexo masculino. A excepção é para a palavra *suicídio*, que apresenta um resultado médio abaixo de 2,50, em ambos os sexos.

Nas palavras *medo* (Fem.=3,31 e Masc.=3,21), *fracasso* (Fem.=3,09 e Masc.=2,77), *vítima* (Fem.=2,87 e Masc.=2,79) e *triste* (Fem.=3,58 e Masc.=3,20) verifica-se uma maior compreensão por parte do sexo feminino, enquanto que o inverso se verifica para *desastre* (Fem.=3,00 e Masc.=3,07), *terror* (Fem.=2,83 e Masc.=2,96), *acidente* (Fem.=2,92 e Masc.=2,94), *perigo* (Fem.=3,10 e Masc.=3,29), *ameaça* (Fem.=2,64 – Masc.=2,85) e *suicídio* (Fem.=2,30 e Masc.=2,32). Neste conjunto de palavras, encontramos uma superioridade do sexo masculino sobre o feminino, relativamente ao grau de compreensão, contrariamente à tendência geral dos resultados encontrados até este momento.

Quadro 2: Palavras activadoras de conteúdo emocional para o sexo feminino e masculino

	Sexo	Frequência de uso			Familiaridade			Compreensão			Imagem		
		N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.
Medo	F	253	2,87	1,25	253	2,85	1,58	253	3,31	1,50	253	2,66	1,66
	M	123	2,06	1,42	123	2,31	1,72	123	3,21	1,71	123	2,50	1,74
Desastre	F	253	2,04	1,40	253	2,23	1,65	253	3,00	1,80	253	2,62	1,87
	M	123	1,90	1,56	123	2,03	1,73	123	3,07	1,67	123	2,84	1,78
Terror	F	253	2,00	1,51	253	2,17	1,76	253	2,83	1,81	253	2,46	1,79
	M	123	1,80	1,55	123	2,02	1,70	123	2,96	1,85	123	2,72	1,81
Fracasso	F	253	2,43	1,39	253	2,56	1,57	253	3,09	1,63	253	2,50	1,66
	M	123	1,78	1,29	123	2,14	1,55	123	2,77	1,80	123	2,31	1,78
Vítima	F	253	1,94	1,45	253	2,17	1,73	253	2,87	1,81	253	2,55	1,80
	M	123	1,73	1,52	123	1,99	1,67	123	2,79	1,83	123	2,57	1,83
Acidente	F	253	1,86	1,56	253	2,07	1,81	253	2,92	1,87	253	2,70	1,95
	M	123	1,79	1,55	123	2,07	1,75	123	2,94	1,81	123	2,64	1,90
Perigo	F	253	2,45	1,49	253	2,57	1,70	253	3,10	1,73	253	2,73	1,78
	M	123	2,58	1,58	123	2,59	1,61	123	3,29	1,74	123	2,84	1,74
Triste	F	253	3,11	1,37	253	3,19	1,53	253	3,58	1,60	253	3,02	1,76
	M	123	2,45	1,47	123	2,59	1,60	123	3,20	1,75	123	2,89	1,81
Ameaça	F	253	1,60	1,50	253	1,85	1,78	253	2,64	1,93	253	2,14	1,78
	M	123	1,86	1,59	123	1,98	1,75	123	2,85	1,91	123	2,46	1,81
Suicídio	F	253	0,98	1,52	253	1,44	1,92	253	2,30	2,14	253	1,78	1,95
	M	123	0,76	1,26	123	1,20	1,80	123	2,32	2,17	123	2,06	2,07

Para o sexo feminino, a média mais elevada encontra-se na palavra *triste* (3,58), e para o sexo masculino reside na palavra *perigo* (3,29).

Na categoria “Imagem”, a análise do Quadro 2 mostra-nos valores inferiores à média esperada, em ambos os sexos, apenas nas seguintes palavras activadoras de conteúdo emocional: *ameaça* (Fem.=2,14 e Masc.=2,46) e *suicídio* (Fem.=1,78 e Masc.=2,06). Nos sujeitos do sexo feminino encontramos ainda resultados abaixo da média esperada (2,50) no termo *terror* (2,46), e no sexo masculino em *fracasso* (2,31). Salientamos, também, por parte do sexo masculino e comparativamente com o sexo feminino, um maior nível de evocação da imagem

de *desastre* (Fem.=2,62 e Masc.=2,84), *terror* (F=2,46 e M=2,84), *vítima* (F=2,55 e M=2,57), *perigo* (F=2,73 e M=2,84), *ameaça* (Fem.=2,14 e Masc.=2,46) e *suicídio* (Fem.=1,78 e Masc.=2,06).

O termo *triste* é aquele que neste índice atinge valores mais elevados, quer para o sexo feminino (3,02), quer para o sexo masculino (2,89).

Quanto aos termos activadores de conteúdo alimentar, na análise da “Frequência de uso” (Cf. Quadro 3), vemos que as palavras mais utilizadas por ambos os grupos são *gelado* (Fem.=4,02 e Masc.=3,88), e *bolo* (Fem.=3,75 e Masc.=3,89). Além destas, a frequência de utilização das restantes palavras também é elevada, uma vez que os resultados se situam acima da média

Quadro 3: Palavras activadoras de conteúdo alimentar para o sexo feminino e masculino

	Sexo	Frequência de uso			Familiaridade			Compreensão			Imagem		
		N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.
Açúcar	F	253	3,60	1,17	253	3,82	1,22	253	3,81	1,42	253	3,93	1,32
	M	123	3,67	1,04	123	3,65	1,40	123	3,82	1,48	123	3,85	1,43
Barriga	F	253	3,41	1,48	253	3,74	1,55	253	3,72	1,49	253	3,57	1,60
	M	123	3,16	1,75	123	3,50	1,68	123	3,50	1,68	123	3,52	1,59
Bolo	F	253	3,75	1,25	253	4,00	1,15	253	4,08	1,24	253	4,28	1,18
	M	123	3,89	1,25	123	4,15	1,12	123	4,24	1,20	123	4,37	1,09
Enorme	F	253	2,81	1,47	253	2,98	1,64	253	3,32	1,60	253	3,26	1,58
	M	123	2,98	1,54	123	3,21	1,55	123	3,50	1,57	123	3,50	1,45
Fiambre	F	253	3,41	1,37	253	3,75	1,38	253	3,74	1,49	253	3,74	1,51
	M	123	3,62	1,28	123	3,83	1,39	123	3,88	1,42	123	3,89	1,41
Gordura	F	253	2,55	1,53	253	2,74	1,71	253	3,08	1,80	253	2,87	1,86
	M	123	2,03	1,58	123	2,45	1,72	123	3,00	1,72	123	2,72	1,89
Obesidade	F	253	1,75	1,64	253	2,07	1,86	253	2,89	1,86	253	2,59	1,98
	M	123	1,60	1,54	123	2,04	1,73	123	2,82	1,91	123	2,67	1,85
Peso	F	253	2,98	1,49	253	3,03	1,64	253	3,43	1,65	253	3,08	1,65
	M	123	2,26	1,45	123	2,99	1,51	123	3,50	1,52	123	3,07	1,56
Calorias	F	253	2,66	1,64	253	2,85	1,70	253	3,23	1,65	253	2,55	1,77
	M	123	2,56	1,57	123	2,86	1,64	123	3,33	1,60	123	2,85	1,73
Gelado	F	253	4,02	1,12	253	4,26	1,12	253	4,34	1,13	253	4,48	1,04
	M	123	3,88	1,35	123	4,02	1,32	123	4,21	1,26	123	4,32	1,14

esperada (2,50), embora assumam valores mais elevados no sexo feminino. A excepção encontra-se em *obesidade* (Fem.=1,75 e Masc.=1,60), Salientamos também que *gordura* (2,03) e *peso* (2,26) são os termos relacionados com alimentação menos utilizados pelos rapazes da nossa amostra.

Relativamente à “Familiaridade” das palavras de conteúdo alimentar (Cf. Quadro 3), salientamos que todas são muito familiares para ambos os sexos, pois ultrapassam claramente a média esperada (2,50). A excepção situa-se em *obesidade* (Fem.=2,07 e Masc.=2,04), com resultados abaixo da média esperada, tanto para as raparigas, como para os rapazes.

O grau de familiaridade é superior nos sujeitos do sexo masculino comparativamente com os do sexo feminino nas seguintes palavras: *bolo* (Fem.=4,00 e Masc.=4,15), *enorme* (Fem.=2,98 e Masc.=3,21), *fiambre* (Fem.=3,75 e Masc.=3,83) e *calorias* (Fem.=2,85 e Masc.=2,86). As palavras mais familiares, respectivamente para o sexo feminino e masculino, são *gelado* (Fem.=4,26) e *bolo* (Masc.=4,15).

A análise dos resultados obtidos no Quadro 3, que inclui o terceiro conjunto de palavras estímulo – palavras activadoras de conteúdo alimentar – quanto à sua “Compreensão”, mostra-nos que para ambos os sexos é elevado o grau de

compreensão para todos os itens. Na verdade, todos os valores se situam acima da média esperada. Em comparação com o sexo feminino, e contrariando a tendência geral dos resultados, os sujeitos do sexo masculino revelam uma compreensão superior das seguintes palavras: "açúcar (Fem.=3,81 e Masc.=3,82), *bolo* (Fem.=4,08 e Masc.=4,24), *enorme* (Fem.=3,32 e Masc.=3,50), *fiambre* (Fem.=3,74 e Masc.=3,88), *peso* (Fem.=3,43 e Masc.=3,50) e *calorias* (Fem.=3,23 e Masc.=3,33). As raparigas revelam maior compreensão de *barriga* (Fem.=3,72 e Masc.=3,50), *gordura* (Fem.=3,08 e Masc.=3,00), *obesidade* (Fem.=2,89 e Masc.=2,82) e *gelado* (Fem.=4,34 e Masc.=4,21). Na "Compreensão" das diferentes palavras, para o sexo masculino o resultado mais elevado situa-se na palavra "*bolo* (4,24) enquanto para o sexo feminino é no termo *gelado* (4,34).

Finalmente, quanto à "Imagem" das palavras activadoras de conteúdo alimentar (Cf. Quadro 3), observamos que nenhuma das palavras-estímulo apresenta valores inferiores à média esperada, tanto no grupo de adolescentes do sexo feminino, como no do masculino. Na visualização das palavras, a amostra do sexo feminino apresenta valores superiores em *açúcar* (Fem.=3,93 e Masc.=3,95), *barriga* (Fem.=3,57 e Masc.=3,52), *gordura* (Fem.=2,87 e Masc.=2,72), *peso* (Fem.=3,08 e Masc.=3,07) e *gelado* (Fem.=4,48 e Masc.=4,32). Inversamente, encontramos valores superiores por parte da amostra do sexo masculino em *bolo* (Fem.=4,28 e Masc.=4,37), *enorme* (Fem.=3,26 e Masc.=3,50), *fiambre* (Fem.=3,74 e Masc.=3,89), *obesidade* (Fem.=2,59 e Masc.=2,67) e *calorias* (Fem.=2,55 e Masc.=2,85).

Tal como verificámos para os índices anteriores, a palavra *bolo* (4,37), para as raparigas, e *gelado* (4,48) para os rapazes, são aquelas cujos resultados são mais elevados.

Discussão dos resultados

A análise dos resultados, na amostra portuguesa, permite evidenciar as diferenças entre sexos na selecção de estímulos com valor semântico, a utilizar no Stroop Emocional para detecção de patologia do comportamento alimentar. No que diz respeito às palavras neutras, a palavra *casa* é a mais frequentemente utilizada, a mais familiar, a que apresenta um grau de compreensão mais elevado, e de imagem mais facilmente evocada, para ambos os sexos.

Encontramos nova igualdade entre os dois sexos relativa à menor frequência de uso do termo *pedra*. Os sujeitos do sexo masculino utilizam também menos frequentemente as palavras *gato* e *cortina*, enquanto os do sexo feminino usam com menor frequência *bandeira* e *pedra*, como acima referimos. Possivelmente, nestes resultados, encontramos reflectida a influência de factores sociais e culturais, ligados aos papéis de género, que se prendem com os comportamentos esperados para cada um dos sexos nas diferentes culturas (Lahey, 1988), e que reflectem os esteriótipos de género no comportamento do dia a dia dos adolescentes (Berk, 1989).

Quanto à "Familiaridade" das palavras neutras, destacamos as diferenças no item *bandeira*, que contrariamente à tendência geral é mais usado e mais familiar para o sexo masculino. Este resultado poderá dever-se às diferentes expectativas sociais para cada um dos géneros, e à

aprendizagem social dos comportamentos observados em adultos e pares do mesmo sexo (Bussey & Bandura, 1992). Neste sentido, a palavra bandeira representaria um objecto habitualmente menos ligado ao universo feminino.

Ambos os grupos revelam um elevado nível de compreensão do significado das palavras neutras, assim como apresentam um resultado acima da média no que diz respeito à imagem. Assim, relativamente a este conjunto de palavras, embora tenhamos encontrado valores inferiores à média, quanto à frequência de uso e nível de familiaridade de algumas palavras, os resultados obtidos quanto à compreensão das mesmas, claramente superiores à média esperada, indiciam que, podendo não fazer parte do vocabulário quotidiano destes sujeitos, tanto dos rapazes como das raparigas, uns e outros conhecem-nas e compreendem o seu significado.

Em relação às palavras activadoras de conteúdo emocional, encontramos resultados semelhantes nas avaliações efectuadas por rapazes e raparigas relativamente a resultados superiores e inferiores à média esperada.

Quanto aos primeiros, salientamos que a palavra *triste* é a mais utilizada, a mais familiar e a que é melhor compreendida e mais facilmente evocada pelo sexo feminino. Esta mesma palavra é também a mais familiar e de maior evocação em imagem para o sexo masculino. Na verdade, segundo Sampaio (1992), não existe adolescência normal sem momentos depressivos. Estes surgem como resposta a situações de perda e frustração, que ocorrem durante este período do ciclo de vida, caracterizado por um conjunto variado de transformações físicas, psicológicas e sociais. Assim, seriam de esperar os resultados encontrados. Verificamos que há coincidência em

relação aos índices “Familiaridade” e “Imagem”: a palavra *triste* é a mais escolhida. No entanto, *medo* e *perigo* são também palavras familiares para ambos os sexos, enquanto *fracasso* é referenciada como familiar apenas pelo sexo feminino. Encontramos diferenças quanto à frequência de uso: são empregues mais frequentemente pelo sexo feminino as palavras *triste* e *medo*, enquanto *perigo* é a mais usada pelo sexo masculino. Em ambos os casos, parecem ser palavras mais relacionadas com as características de vida deste período de desenvolvimento – pré-adolescência e adolescência, pelo que tenderão a ser mais utilizadas.

Diversos estudos realizados com diferentes versões do BDI-II (Inventário de Depressão de Beck) mostram que as raparigas pontuam de forma mais significativa do que os rapazes (Martins, Coelho, Ramos, & Barros, 2000; Connelly, Johntson, Brown, MacKay & Blackstock, 1993; Baron & Campbell, 1993). De acordo com Jolly, Wiesner, Wherry, Jolly & Dykman (1994), estes resultados reflectem a influência do factor género, uma vez que as raparigas possuem uma maior auto-consciência do que os rapazes, na adolescência. Esta maior auto-consciência nas raparigas pode explicar o maior uso das palavras *triste* e *medo*, sem que tal signifique que estejamos perante sujeitos deprimidos.

De acordo com a faixa etária, ao nível do desenvolvimento cognitivo, os sujeitos da nossa amostra encontram-se no início ou em pleno decurso do período das operações formais, que se caracteriza por dois grandes avanços – raciocínio hipotético-dedutivo e pensamento proposicional (Piaget, & Inhelder, 1969). No entanto, neste processo, o pensamento do adolescente revela ainda alguma imaturidade. Segundo Elkind (1984), uma das características desta

imaturidade do pensamento nesta faixa etária é a *fábula pessoal*: o adolescente vê-se como único e especial, e invulnerável ao perigo. Esta distorção cognitiva do pensamento do adolescente pode explicar o elevado emprego da palavra *perigo* pelos sujeitos do sexo masculino.

No que se refere às palavras com resultados inferiores à média esperada, nos dois sexos, verificamos que, quanto à frequência de uso e familiaridade, um mesmo conjunto de palavras é referenciado pelos dois grupos: *desastre*, *terror*, *vítima* e *ameaça* são termos pouco utilizados e, simultaneamente, pouco familiares. No entanto, o seu significado é compreendido, pois para estas mesmas palavras obtêm-se resultados superiores à média esperada no índice compreensão. Estas palavras, ligadas a acontecimentos de vida negativos, são susceptíveis de gerarem activação emocional nos sujeitos que os vivenciam, o que não parece ser o caso para a nossa amostra. Desta forma, não são usadas com frequência no dia a dia destes sujeitos, e portanto estão mais ausentes do seu léxico. Importa ainda analisar uma outra palavra susceptível de gerar activação emocional: *suicídio*. Quer para os sujeitos do sexo feminino, quer para os do sexo masculino, os valores obtidos nos quatro índices avaliados são inferiores à média esperada. Em Portugal, os números relativos à taxa anual de suicídios é preocupante (1000 por ano), embora não possa ser considerada alarmante, se comparada com os números mundiais: 1000 suicídios por dia (Sampaio, 1992). Constata-se, também, que as regiões com taxas de suicídio mais elevadas se situam a sul do Tejo, no Alentejo e no Algarve, e que o grupo de risco abrange os indivíduos com depressão (Sampaio, 1992). Como os sujeitos da nossa amostra não pertencem a nenhuma das regiões acima citadas, e não têm patologias

diagnosticadas, de certa forma os dados encontrados seriam de esperar. No entanto, o aumento crescente do interesse dedicado pela comunicação social a este tema, assim como a abordagem desta temática nas escolas, poderia fazer supor um maior conhecimento por parte dos sujeitos em questão. Estes dados levam-nos a colocar a hipótese de uma ausência de contacto com o suicídio juvenil, ou do evitar do enfrentamento com esta realidade.

Relativamente às palavras activadoras de conteúdo alimentar, ambos os grupos apresentam resultados acima da média esperada para a quase totalidade das palavras, nos diferentes índices. Embora relacionadas com patologias alimentares, e discriminativas de perturbações alimentares, também estão ligadas aos hábitos de alimentação, e portanto farão parte do léxico utilizado no quotidiano destes sujeitos.

A excepção é para *obesidade*, termo pouco usado e não familiar, quer para rapazes, quer para raparigas. Verifica-se o oposto para a imagem que o termo evoca, assim como para a sua compreensão. Assim, não sendo uma palavra frequentemente empregue nos diálogos do dia a dia, o seu significado é do conhecimento dos sujeitos da nossa amostra. Estes resultados eram esperados, uma vez que estamos perante um grupo de sujeitos sem diagnóstico de transtornos do comportamento alimentar. Sendo o distúrbio alimentar mais comum nos Estados Unidos - cerca de 11,5% dos indivíduos entre os 12 e os 17 anos de idade encontram-se no percentil 95 de massa corporal (peso por estatura) (NCHS, 1997), o mesmo não se verifica em Portugal. Neste sentido, será de esperar que a palavra *obesidade* não assuma grande relevância para os adolescentes portugueses.

Salientamos ainda que as palavras *gordura* e *peso* parecem não fazer parte das conversações quotidianas dos sujeitos do sexo masculino, uma vez que os resultados indiciam fraca frequência de uso. Estes dados vão de encontro ao esperado, na medida em que, por um lado, são palavras associadas às patologias alimentares, cuja incidência e prevalência é muito mais elevada no sexo feminino do que no masculino (Hardy & Dantchev (1989); Halmi, (1992); Lucas, Beard, O-Fallon & Kurtland (1988, 1991) e Carmo, Reis, Varandas, Bouça, Padre-Santo, Neves, André, Sampaio & Galvão-Teles (1996). Na verdade, se nos debruçarmos sobre a distribuição por sexos da prevalência de transtornos do comportamento alimentar como a anorexia nervosa, constatamos que aquela é muito baixa no sexo masculino. Por exemplo, de acordo com a DSM IV, apenas cerca de 10% destes casos ocorrem no sexo masculino. Numa investigação realizada por Halmi (1992), encontrou-se uma proporção de 1 sujeito do sexo masculino em cada 10 doentes. De facto, os estudos sobre a prevalência e epidemiologia destes tipo de transtornos, põe em evidência a elevada ocorrência de casos no sexo feminino (Sampaio, Bouça, Carmo & Jorge, 1998).

Relativamente às raparigas, o aumento normal de gordura que se verifica no início da puberdade, associada à pressão social de que ser atractivo é ser esbelto, pode conduzir a alguma preocupação com a imagem corporal e com o controlo do peso. Neste sentido, compreende-se o maior uso e familiaridade das palavras *gordura* e *peso* no sexo feminino.

Conclusões

No seguimento de trabalhos anteriores (Loureiro e cols., 2002; Maia, e cols.,

2002), análise comparativa que efectuámos dos dados apresentados fornece a psicólogos clínicos, da saúde e da educação, indicadores para a valoração das diferentes pontuações dos sujeitos do sexo feminino e masculino. Pensamos contribuir para o facilitar da detecção de disfunções de tipo emocional geral ou de distúrbios relacionados com os hábitos alimentares. Azevedo e Ferreira (1992) e Carmo e cols. (1996) realizam estudos em Portugal que põem em revelo uma baixa incidência de distúrbios do comportamento alimentar, em comparação com outros países. No entanto, o fácil e rápido acesso à informação torna os adolescentes portugueses mais permeáveis às influências dos padrões culturais dos países mais industrializados, pelo que poderá verificar-se uma mudança na tendência actual (Sampaio e cols., 1998). Este dado reforça a pertinência e importância da realização de investigações e da construção de instrumentos de avaliação que contribuam não só para uma actuação, ao nível da prevenção, como também ao nível da detecção e intervenção.

Referências bibliográficas

- Arana, J. M., Cabaco, A. S. & Sanfeliu, C. (1997). La tarea de interferencia Stroop: 110 años después do informe de Cattell de identificación de colores y palabras. *Revista de Historia de la Psicología*, 18 (1-2), 27-38.
- Armas, M. (1997). Procesos de interferencia en transtornos alimenticios. *Memória de Licenciatura não publicada*. Universidade Pontifícia de Salamanca.
- Processos de interferência a transtornos alimentícios*. Memória de Licenciatura no publicada, Universidade Pontifícia de Salamanca.

- Azevedo, M. H. & Ferreira, C. P. (1992). Anorexia nervosa e bulimia: A prevalence study. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 86: 432-436.
- Baron, P. & Campbell, T. (1993). Gender differences in the expression of depressive symptoms in Middle Adolescents: An extension of earlier findings. *Adolescence*, 1993, 28, 903-911.
- Ben-Tovim, D. I. & Walker, M. K. (1991). Further for the Stroop Test as a quantitative measure of psychopathology in eating disorders. *International Journal of Eating Disorders*, 10, 609-613.
- Berk, L. (1989). *Child development* (3^a ed.). Needham Heights: Allyn and Bacon.
- Bussey, K. & Bandura, A. (1992). Self-regulatory mechanisms governing gender development. *Child Development*, 63, 1236-1250.
- Cabaco, A. S. & Armas, M. (2000). Atención selectiva e procesamiento de la información en los transtornos de alimentación. *Revista Iberoamericana de Educación, Salud e Trabajo*, 1, 45-65.
- Cabaco, A. S. & Loureiro, J. M. (Dirs.) (em curso). *Adaptación de un protocolo de screening, basado en el efecto stroop emocional, para detectar patologia alimentícia*. Programa Acções Integradas Luso-Espanholas.
- Cabaco, A. S. (1998). Mecanismo atencional e processos de interferencia; aspectos conceptuales e aplicaciones clinicas. In T. Sánchez (ED.), *Temas de Psicologia IV*. Salamanca. Publicaciones de la Universidad Pontificia.
- Carmo, I., Reis, D., Varandas, P., Bouça, D., Padre-Santo, D., Neves, A., André, I., Sampaio, D. & Galvão-Teles, A. (1996). A prevalence of anorexia nervosa: A Portuguese population study. *European Eating Disorders Review*, 4 (144), 1-11.
- Cattell, J. M. (1886). The time it takes to see and name objects. *Mind*, 11, 63-65.
- Channon, S., Hemsley, D. & De Silva, P. (1988). Selective processing of food words in anorexia nervosa. *British Journal of Clinical Psychology*, 27, 259-260.
- Cohen, J. D., Dunbar, K. e McClelland, J. L. (1990). On the control of the automatic processes: A parallel distributed processing account of the Stroop effect. *Psychological Review*, 97, 332-361.
- Connelly, B., Johnston, D., Brown, I., MacKay, S. & Blackstock, E. (1993). The prevalence of depression in a high school population. *Adolescence*, 28, 149-158.
- Cooper, M. J. & Fairburn, C. G. (1992). Selective processing of eating, weight and shape related words in patients with eating disorders and dieters. *British Journal of Clinical Psychology*, 31, 363-365.
- Cooper, M. J. & Fairburn, C. G. (1992). Thoughts about eating, weight and shape in anorexia nervosa and bulimia nervosa. *Behaviour Research and Therapy*, 30, 501-511.
- Cooper, M., Anastasiades, P. & Fairburn, C. (1992). Selective processing of eating-shape, and weight-related words in persons with bulimia nervosa. *Journal of Abnormal Psychology*, 101(2), 352-355.
- Cooper, P. J. , Taylor, M. J. , Cooper, Z. & Fairburn, C. G. (1987). The development and validation of the Body Shape Questionnaire. *International Journal of Eating Disorders*, 6, 485-494.
- DSM IV: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (1995). *American Psychiatric Association*. Washington, D.C..
- Dyer, F. (1973). The Stroop phenomenon and its use in the study of perceptual, cognitive, and response processes. *Memory & Cognition*, 1 (2), 106-120.

- Elkind, D. (1984). *The hurried child*. Reading, M A.: Addison-Wesley.
- Esgalhado, G. (2002). O efeito Stroop: Um fenómeno raro. *Revista de Psicologia e Educação*, 1, (1-2), 123-129.
- Halmi, K. A. (1992). *Psychobiology and treatment of anorexia nervosa and bulimia nervosa*. London: American Psychiatric Press.
- Hardy, P. & Dantchev, I. (1989). Epidémiologie des troubles des conduites alimentaires. *Confrontations Psychiatriques*, 31, 133-163.
- Jolly, J., Wiesner, D., Wherry, J., Jolly, J. & Dykman, R. (1994). Gender and the comparison of self and observer ratings of anxiety and depression in adolescents. *Journal of American Academic Child and Adolescent Psychiatry*, 33, 1284-1288.
- Kessler, R. C., McGanagle, K. A., Zhao, S., Nelson, C. B., Hughes, M., Eshleman, S., Wittchen, H. U. & Kendler, K. S. (1994). Life-time and 12-month prevalence of DSM-III psychiatric disorders in the United States: Results from the National Comorbidity Survey. *Archives of General Psychiatry*, 51, 8-19.
- Lahey, B. B. (1988). *Psychology: An introduction* (6^a ed.). United States of America: McGraw-Hill.
- Loureiro, M. J., Cabaco, A. S. , Castro, J. A. & Esgalhado, G. (2002). Seleção de estímulos com valor semântico a utilizar no Stroop emocional para detecção de patologia do comportamento alimentar. Em I. Leal, I. Cabral e J. Pais Ribeiro (Orgs.), *Actas do 4º congresso Nacional de Psicologia da Saúde - A Saúde numa perspectiva de ciclo de vida* (pp. 121-131). Lisboa: ISPA.
- Lucas, A. R., Beard, C. M. , O-Fallon, W. M. & Kurtland, L. T. (1988). Anorexia nervosa in Rochester, Minnesota: A 45-year study. *Mayo Clinic Process*, 63, 433-442.
- Lucas, A. R., Beard, C. M. , O-Fallon, W. M. & Kurtland, L. T. (1991). 50-year trends in the incidence of anorexia nervosa in Rochester, Minnesota: A population on-based study. *American Journal of Psychology*, 148, 917-922.
- MacLeod, C. M. (1991). Half a century of research on the Stroop effect: An integrative review. *Psychological Bulletin*, 109, 163-203.
- Maia, L. A., Loureiro, M. J. & Cabaco, A. S. (2002). Semantic charged stimulus to be utilised on The Emotional Stroop in eating disorders early detection. Results from a Portuguese sample, by 14-25 age group. *Revista de Psicologia e Educação*, 1, (1-2), 107-114.
- Martins, A, Coelho, R., Ramos, E. & Barros, H. (2000). Administração do BDI-II a adolescentes portugueses: Resultados preliminares. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 2 (1), 123-132.
- Melara, R. D. & Mounts, J. R. (1993). Selective attention to Stroop dimensions: Effects of baseline discriminability, response mode, and practice. *Memory and Cognition*, 21 (5), 627-645.
- Mogg, K., Kentish, J. & Bradley, B. P. (1993). Effects of anxiety and awareness on colour-identification latencies for emotional words. *Behaviour Research and Therapy*, 31, 559-567.
- National Center of Health Statistics (NCHS). (1997). *Health United States, 1996-97 and injury chartbook*. Hyattsville, M.D.: U.S. Department Health and Human Services.
- Piaget, J. & Inhelder, B. (1969). *The psychology of the child*. London: Routledge & Kegan Paul.

- Rogers, P. J. & Green, M. W. (1993). Dieting, dietary restraint and cognitive performance. *British Journal of Clinical Psychology*, 32, 113-116.
- Sampaio, D. (1992). *Ninguém morre sozinho. O adolescente e o suicídio*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Sampaio, D., Bouça, D., Carmo, I. & Jorge, Z. (1998). *Doenças do comportamento alimentar. Manual para o clínico geral*. Porto: Laboratórios Bial.
- Vitousek, K. B. & Hollon, S. D. (1990). The investigation of schematic content and processing in eating disorders. *Cognitive Therapy and Research*, 14, 191-214.